



Mães Que Cantam: a canção na relação de ajuda para mães de bebês do CER III Intelectual da APAE Anápolis – transdisciplinaridade entre Musicoterapia e Psicologia

Gláucia Tomaz Marques Pereira
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Anápolis-GO

Paullyane Cristine da Silva Oliveira
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Anápolis-GO

RESUMO

O Projeto Mães Que Cantam, realizado no Centro Especializado de Reabilitação (CER III) da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-Anápolis, por meio do trabalho transdisciplinar – Musicoterapia e Psicologia -, tem como objetivo promover acolhimento, fortalecer vínculo e trabalhar ansiedade das mães de bebês em atendimento na unidade. O trabalho propõe a vivência das experiências musicais na Musicoterapia permitindo à mãe re(criar), compor canções para abrir canais de comunicação e expressar seus conteúdos internos e, ao mesmo tempo, receber apoio psicológico numa parceria para construção dessa relação de ajuda. Como resultado, observou-se que a troca colaborativa, na prática, auxiliou o acolhimento e a mudança dos aspectos emocionais, culturais e sociais os participantes.

Palavras-Chave: Mães Que Cantam. Musicoterapia. Psicologia.

O Centro Especializado de Reabilitação (CER III) da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Anápolis, Goiás, Brasil é um serviço credenciado pelo Sistema Único de Saúde que tem como prerrogativa garantir o acesso do usuário a atenção à saúde em tempo adequado, nas instâncias de atenção à saúde auditiva, intelectual e física. O serviço de Reabilitação/Habilitação Intelectual e Transtorno do Espectro do Autismo deve garantir linhas de cuidado em saúde nas quais sejam desenvolvidas ações voltadas para o desenvolvimento de habilidades singulares no âmbito do projeto terapêutico, particularmente voltadas à cognição, linguagem e sociabilidade. A equipe é formada por assistente social, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, musicoterapeuta, psicólogo, psicopedagogo e terapeuta ocupacional.



Mães de bebês que apresentam alguma alteração neurológica, comumente apresentam sofrimento com a primeira notícia, que em muitos casos não é apresentada adequadamente, sendo é transmitida de forma pessimista, o que pode acarretar uma grande problemática psicossocial para a criança e familiares. Essa inadequação pode dificultar o cuidado da mãe com o bebê, causando desmotivação no trato com a criança e prejudicando sua estimulação.

Após o sofrimento inicial virá a necessária etapa de buscar os recursos terapêuticos possíveis (se houver). E se iniciará uma nova etapa na vida da família, que sabe que poderá contar sempre com o apoio e a presença dos profissionais de sua confiança a seu lado. (SOUZA, 2003: p. 5).

Destarte, percebeu-se a necessidade de tratar com as mães as questões pertinentes à constatação de que a criança nasceu diferente e trabalhar os prejuízos que a ausência de tratamento adequado pode acarretar no indivíduo. Portanto, desenvolveu-se um projeto com atuação transdisciplinar entre Musicoterapia e Psicologia que considera o procedimento próprio da profissão e do profissional, efetuando trocas e compactuando saberes.

O Projeto Mães Que Cantam – Uma Visão Geral

O Projeto Mães Que Cantam foi desenvolvido pelo setor de Musicoterapia e Psicologia para receber as mães dos bebês elegíveis para o atendimento na unidade, que apresentam dificuldade na aceitação do diagnóstico, apatia no tratamento, dificuldade de vinculação com a criança ou superproteção, para lidar com seus anseios e temores.

Para que a mãe seja inserida no projeto deve ser encaminhada para o setor de Musicoterapia e Psicologia. No atendimento inicial é realizado o contrato terapêutico, com breve explanação sobre o projeto, período médio de permanência no programa e terminalidade, sendo que o tempo médio do projeto é de seis meses a um ano (conforme objetivos terapêuticos alcançados ou não).

O projeto apresenta três fases iniciais, elas são:



- Primeira etapa – Canção de Ninar (composição ou paródia.)
- Segunda etapa – Etapas do Desenvolvimento – canção infantil “Quando eu Era Nenê”.
- Terceira Etapa – Estrutura familiar – canção infantil “Uma Família é Formada Assim”.

Nas etapas subsequentes, as terapeutas decidem em conjunto qual (is) música(s) será(ão) utilizada(s), conforme a necessidade mais emergente no processo terapêutico. O atendimento terapêutico ocorre uma vez por semana, no período de trinta minutos, na sala de Musicoterapia. São utilizados instrumentos musicais (violão, guizo) e CDs com canções infantis, canções que façam parte do universo sonoroⁱ da mãe e do bebê e canções selecionadas pela Musicoterapeuta conforme objetivos terapêuticos. As canções são trabalhadas em forma de paródia ou composição musical, considerando a intervenção musicoterápica. Com a abertura do canal de comunicação, a Psicóloga intervém discutindo sobre os temas pertinentes ao problema vivenciado pela mãe e/ou também pelos familiares.

Após alcançados os objetivos terapêuticos, a partir da observação clínica, e mediante decisão da dupla terapêutica, as mães são encaminhadas para outros projetos, grupos e/ou atendimentos individuais do setor de Psicologia da instituição e a criança é inserida, conforme demanda apresentada pela família, nos programas terapêuticos oferecidos pela unidade.

O Trabalho Transdisciplinar – Musicoterapia e Psicologia

A Musicoterapia é uma prática terapêutica que utiliza a música e/ou os elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) em um processo estruturado, que busca facilitar e promover a comunicação, o relacionamento intrapessoal (BRUSCIA, 2000), a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (VON BARANOW, 1999).

Na musicoterapia utilizamos esses efeitos que a música pode produzir nos seres humanos nos níveis físico, mental, emocional, e também no social, atuando como um facilitador da expressão humana, dos movimentos e sentimentos, promovendo alterações que levem a um aprendizado, uma



mobilização e uma organização interna que permitam ao indivíduo evoluir em sua busca, seja ela qual for. (VON BARANOW, 1999, p. 10)

A prática da Musicoterapia exercida pelo Musicoterapeuta visa a instituir um ambiente propício para a expressão de conteúdos internos e estabelecer um espaço de acolhimento. Para Costa (1989, p. 79) é uma prática que “procura ir ao encontro do sujeito no nível que o mesmo se situa aceitando sua expressão sonoro-musical. O núcleo em torno do qual se desenrola todo o processo musicoterápico é *a ação de fazer música*”.

Este “fazer musical” possibilita desenvolver potenciais de forma que o indivíduo possa alcançar melhor integração intrapessoal e interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida (RUUD, 1998 *apud* BRUSCIA, 2000, p. 286). Sabendo-se que o Musicoterapeuta tem por objetivo primordial a terapia e não a música (BENENZON, 1985). Por meio das técnicas musicoterápicas, o Musicoterapeuta pode promover a abertura do canal de comunicação e a expressividade (COSTA, 1989), logo, após acessar os conteúdos internos, o Psicólogo pode oferecer suporte terapêutico nas discussões verbais.

A prática do Psicólogo enriquece esta atuação conjunta, pois está baseada nas discussões e compreensões do “eu” e do ser no mundo, por isso, não impõe caminhos para solucionar o problema, mas procura auxiliar o cliente a pensar e a se comportar de uma forma diferente que possibilite resolver as situações difíceis da vida (BALEN; FRIZZO et al., 2010).

Neste projeto, a ação conjunta admite uma conduta que transita entre a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: a primeira, porque promove um trabalho de colaboração e da relação de trocas entre indivíduos (JESUS, ROSA e PRAZERES, 2004); a segunda “exige uma nova visão de ser humano, no qual este é um todo indivisível e relacional e um componente essencial com múltiplas conexões com o mundo que o cerca, independente do tipo e do grau das patologias apresentadas” (VON BARANOW, 1999, p. 52).

No trabalho interdisciplinar os profissionais interagem entre si, para Rodrigues (2000, p. 127), essa interação “favorece o alargamento e a flexibilização dos



conhecimentos, disponibilizando-os em novos horizontes do saber”. No trabalho transdisciplinar, “os diferentes profissionais, após o estabelecimento de objetivos comuns e investigações sobre o modo de atuação de cada um, trabalham juntos numa mesma sessão com o paciente” (VON BARANOW, 1999, p. 52).

A canção em Musicoterapia

O canto é um elemento estruturante que está presente em todas as etapas da trajetória humana “quer em sua história filogenética [...] fazendo parte do universo simbólico de todas as culturas, quer em sua história ontogenética, graças à qual, cada indivíduo, ao nascer, utiliza vocalizações para iniciar o intercâmbio com o mundo” (MILLECCO Filho et al., 2001, p. 109).

A canção, em um processo musicoterápico, apresenta-se como um veículo autoexpressivo utilizado pelo cliente quando o mesmo necessita de um caminho que facilite a emersão e a liberação dos conteúdos internos, “o cliente recorre à música composta por outras pessoas (‘artistas’) para expressar os seus próprios sentimentos” (MILLECCO Filho et al., 2001, p. 92-93). A autoexpressão advinda do cantar promove a comunicação, integração do indivíduo com ele mesmo e com o outro, além de ser facilitadora no vínculo terapêutico (QUEIROZ, 2003). MILLECCO Filho et al. (2001, p. 11) diz que “cantando, criamos ordenações no espaço/tempo, projetamo-nos combinando notas, expressando o que sentimos e o que sabemos sobre o sentimento humano”.

Em Musicoterapia, o Musicoterapeuta pode tomar posse de quatro distintas experiências musicais: (re)criação, improvisação, composição e audição musical. Neste artigo discutiremos sobre as experiências musicais que são vivenciadas com maior fluência nos atendimentos com as mães: a (re)criação e a composição musical. Na (re)criação, o cliente pode aprender ou executar músicas utilizando a voz, seja individualmente, em grupo ou para um público. (Re)criar é o ato de cantar com ou sem acompanhamento instrumental, escolher uma canção, cantar sozinho ou com o grupo, aprender novas canções ou apresentá-las (BRUSCIA, 2000). No Projeto Mães Que Cantam as canções normalmente são trazidas pela Musicoterapeuta que estimula aprendizagem e



execução, trabalhando a canção em sua totalidade, permitindo a expressão de conteúdos internos.

Na composição, o Musicoterapeuta dá suporte para que o cliente possa compor a melodia, a letra ou qualquer produto relacionado à canção, registrando-a de alguma forma. O Musicoterapeuta auxilia os aspectos mais técnicos do processo, possibilitando ao cliente utilizar sua capacidade criadora. A paródia de canção é uma variação da técnica, onde o cliente substitui palavras, frases ou letras de uma canção existente, mantendo a melodia e o acompanhamento original (BRUSCIA, 2000). Essa experiência tem sido amplamente utilizada no trabalho com as mães, pois essa ação musical promove acolhimento, auxilia a mãe desenvolver vínculo com seu bebê e comunicar sentimentos e experiências.

O Cantar – acolhimento e expressão

As mães que são encaminhadas para o projeto muitas vezes apresentam alterações emocionais e, em alguns casos, rejeição à criança e/ou ao diagnóstico médico. O que se pode notar é um invólucro de sentimentos, negação da realidade e sentimentos de culpa. O cantar, inicialmente, parece uma tarefa difícil e complexa, então, a Musicoterapeuta e Psicóloga recebem essas mães, acolhem e trabalham os conteúdos expressos no momento da sessão.

Na Musicoterapia, o Musicoterapeuta trabalha o conteúdo musical, a expressividade e a comunicação advinda do “fazer musical”. A mãe, mesmo que não saiba cantar, pode entoar sons nos limites de uma quarta ou quinta e entoar melodias simples (HOWARD, 1984), o importante é que o terapeuta esteja sintonizado às necessidades e condições do paciente. Nesse caso, o canto terá significado na relação, no fazer música, nas ações recursivas: paciente – música – Musicoterapeuta; Musicoterapeuta – música – paciente (PEREIRA, 2005). Já o Psicólogo permanece atento aos conteúdos verbais que surgem no decorrer do processo terapêutico e, assim, intervém, auxiliando a mãe a entender melhor os seus sentimentos e sua necessidade de aceitação.



As mães vivenciam, a partir do ato de re-criar e compor, ações que promovem acolhimento e expressão dos seus conteúdos. No decorrer do processo, o Musicoterapeuta sugere, a partir de temas planejados e preparados para o atendimento, ações de compor ou parodiar uma canção de ninar, sobre as etapas da vida da criança, família – estrutura e papel de cada membro na relação familiar –, as experiências nos atendimentos, focando a criança e o aprendizado no processo e os temas diversos: rejeição, ansiedade, medo e outros.

A criança junto com a mãe recebe as canções, interage através das vocalizações ou no ato de tocar (pode receber um instrumento musical – guizo/campanela com quatro guizos – para participar da ação musical), assim, desenvolve vínculo com as terapeutas e participa da experiência receptiva, compartilhando do “fazer musical”.

Análise dos resultados

A avaliação do projeto é dada de forma qualitativa, em que a mãe participante relata em forma de carta, à próprio punho, sua experiência pessoal durante o programa. Para esse trabalho, serão apresentados trechos de uma carta escrita por uma mãe participante do projeto. Conforme estabelece a ética em trabalho de pesquisa, não será apresentado nenhum dado que possa identificar a mãe ou a criança. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado e autorizado o recorte apresentado nesse trabalho.

Trecho 1: “Você planeja uma gravidez e espera um bebê normal como todas as crianças e de repente chega alguém e te diz que seu filho não será como você espera” [...].

Trecho 2: Foram 5 meses de luta e desespero porque chorava muito dia e noite e o pediatra dizendo que era cólica, e que a cabeça não cresceria” [...].

Trecho 3: “começamos a luta de cirurgias... cheguei a pensar em alguns momentos que não iria conseguir” [...].



Trecho 4: *“achava que estava perdendo tempo aqui, mas hoje sei que eu não teria conseguido sozinha, chegar até onde cheguei”[...].*

Trecho 5: *“o Mães que Cantam, não é só um projeto importante, mas sim uma parte da minha história que eu vou levar pra toda minha vida” [...].*

Como é possível observar nos relatos acima, do início do processo até o final, a mãe iniciou o processo apresentando muitos questionamentos, dúvidas, incertezas, a morte do filho ideal, a constatação de uma nova realidade, posteriormente, a mãe apresenta relatos de que o processo auxiliou na sua jornada, possibilitando um reconhecimento da necessidade de ajuda e de evolução pessoal.

Considerações finais

Cantar é uma prática que promove expressão e valorização, pois, por meio da atividade de composição e (re)criação, a mãe pode vivenciar uma experiência nova e estimulante. Ao presentear seu filho com uma canção de ninar, cantar suas composições e falar sobre suas experiências e sentimentos, a mãe, sente-se acolhida, fortalecida, confortada, apoiada, num espaço de aceitação e de autoexpressão.

No decorrer do processo terapêutico percebeu-se modificação do relacionamento entre mãe e bebê, melhora da afetividade, aumento do contato visual e físico, maior interação e aceitação sobre o diagnóstico e o prognóstico da criança e sobre as possíveis intercorrências que podem acontecer no desenvolvimento. Além do mais, as mães apresentaram melhora na autoestima e maior envolvimento nas atividades de estimulação do bebê, estes comportamentos da mãe pareceram influenciar o comportamento da criança que apresentou, nos atendimentos da equipe interdisciplinar, maior interesse e participação, com isso, observou-se maior evolução.

O ato de cantar oferece para o bebê momentos para escutar a voz da mãe, participar de ações de ternura e cuidado, interação e percepção dos sons e da música que



envolve e acolhe. Em Musicoterapia, a canção é uma ferramenta que potencializa a ação terapêutica, portanto, quando une as qualidades existentes na música e na linguagem verbal, ou seja, ao considerar a palavra investida de questões e a música como potencializadora de autoexpressão, conclui-se que esta união dinamiza a relação entre seres e – em uma visão mais profunda – a relação terapêutica (QUEIROZ, 2003).

Em Psicologia, a intervenção terapêutica, auxiliou as mães dos bebês com SD a reencontrar o equilíbrio emocional e a desenvolver um processo de aprendizagem interna que tem permitido lidar mais facilmente com as adversidades futuras. Logo, no atendimento transdisciplinar – Musicoterapia e Psicologia – observou-se que a troca colaborativa na prática promoveu um enriquecimento na atuação, auxiliando no acolhimento e na mudança dos aspectos relacionados às questões emocionais, sociais e culturais do ser.

REFERÊNCIAS

BALEN, S. A.; FRIZZO, D. (et al.). **Saúde auditiva: da teoria à prática**. São Paulo: SAN, 2010.

BENENZON, R. **O Manual de musicoterapia**. Trad. Clementina Nastari. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BRUSCIA, K. E. **Definindo musicoterapia**. Trad. Mariza Velloso Fernandez Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

COSTA, C. M. **O Despertar para o outro**. São Paulo: Summus, 1989.

HOWARD, W. **A Música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984.

JESUS, C. S.; ROSA, K. T.; PRAZERES, G. G. S. Metodologias de atendimento à família: o fazer do assistente social. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 26, n. 1, Maringá, p. 61-70, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/viewFile/1618/1059>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

MILLECCO Filho, L. A.; BRANDÃO, M. R. E.; MILLECCO, R. P. **É preciso cantar: musicoterapia, cantos e canções**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

PEREIRA, G. T. M. **O potencial terapêutico da canção em musicoterapia**. Monografia. Universidade Federal de Goiás, 2005.



QUEIROZ, G. J. P. **Aspectos da musicalidade e da música de Paul Nordoff e suas implicações na prática da clínica musicoterapêutica.** São Paulo: Apontamentos, 2003.

RODRIGUES, M. L. R. Caminhos da transdisciplinaridade: fugindo às injunções lineares. **Serviço Social e Sociedade.** São Paulo, n. 64, nov. 2000, p. 124-134.

SOUZA, A. M. C. (org.). **A Criança Especial:** temas médicos, educativos e sociais. São Paulo: Roca, 2003.

VON BARANOW, A. L. **Musicoterapia:** uma visão geral. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
